

O PERFIL DO ENGENHEIRO AGRÔNOMO COMO DOCENTE DO CURSO DE AGRONOMIA DA UFC EM FORTALEZA

JOSÉ SILVEIRA FILHO¹

¹Engenheiro Agrônomo, Licenciado e Mestre em Agronomia, Doutor em Educação, Professor e Conselheiro Efetivo Câmara Agronomia CREA-CE, Prefeitura de Fortaleza, jsilveira.filho@yahoo.com.br.

Apresentado no
Congresso Técnico Científico da Engenharia e da Agronomia – CONTECC
Palmas/TO – Brasil
17 a 19 de setembro de 2019

RESUMO: O objetivo deste trabalho foi investigar o perfil do Engenheiro Agrônomo como professor do curso de Agronomia da UFC em Fortaleza. O estudo teve como motivação a oportunidade de penetrar em um ambiente profissional pouco explorado, a formação acadêmica a partir dos saberes docentes praticados no projeto formativo. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, delineada no estudo de caso, com abordagem descritiva, utilizando o instrumento de entrevista semi-estruturada. Da conclusão, destacam-se a formação influenciada pela tendência tecnicista com os docentes utilizando uma metodologia expositiva e impositiva, uma pedagogia de concepção bancária, não dialógica. Não há uma conexão da teoria com a prática, os professores se sentem somente engenheiros agrônomos e acham que formando um bom técnico está formando um bom profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Saberes agronômicos, formação do Agrônomo, tendência tecnicista, profissionalidade.

THE PROFILE OF AGRONOMIC ENGINEER AS A TEACHER OF THE UFC AGRONOMY COURSE IN FORTALEZA

ABSTRACT: ABSTRACT: The objective of this work was to investigate the profile of the Agronomist as professor of the course of Agronomy of the UFC in Fortaleza. The study had as motivation the opportunity to penetrate into a professional environment little explored, the academic formation from the teachers' knowledge practiced in the training project. For that, a qualitative research was carried out, outlined in the case study, with a descriptive approach, using the semi-structured interview instrument. From the conclusion, we highlight the formation influenced by the technician tendency with the teachers using an expository and taxing methodology, a pedagogy of banking conception, not dialogical. There is no connection between theory and practice, teachers feel only agronomist engineers and think that by forming a good technician is forming a good professional. **KEYWORDS:** Agronomic knowledge, agronomic training, technical tendency, professionalism.

INTRODUÇÃO

A formação do agrônomo está, ao longo de sua história, intimamente ligada ao processo de transformação da agricultura. Por isso, quando se questiona a formação deste profissional e as mudanças por ela sofridas, não se pode deixar de associá-las às mudanças da própria agricultura. Este artigo trata de uma investigação relacionada aos saberes docentes da educação agrícola superior, sobre suas práticas pedagógicas, com ênfase no curso de Agronomia ministrado pela Universidade Federal do Ceará em Fortaleza.

Segundo Silveira Filho (2010), com esse estudo tem-se a oportunidade de penetrar em um ambiente profissional pouco explorado, a formação acadêmica, no que se refere a pesquisas sobre as relações entre formação pedagógica, saberes docentes e processo ensino-aprendizagem.

Para o mesmo autor, o resultado deste trabalho, pela sua centralidade na atenção à profissionalidade da Agronomia, poderá ultrapassar os limites acadêmicos, tornando-se uma efetiva contribuição para elaboração de políticas voltadas para o processo de formação acadêmica nesses

ambientes profissionais, respeitando-se, logicamente, as características de cada um. Trabalhos nesta direção têm sido de grande importância para a realidade agrária brasileira, especialmente, no presente caso, a formação do Engenheiro Agrônomo.

No desenvolvimento deste trabalho, inicialmente, a metodologia. Em seguida, a discussão dos dados, analisados a partir do fenômeno social e os resultados expressos em fragmentos de entrevistas. No final estão as conclusões.

MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa fundamenta-se na abordagem qualitativa de pesquisa em educação, complementada com a utilização de dados quantitativos surgidos durante seu desenvolvimento. Utilizou-se como delineamento, um estudo de caso, pesquisa descritiva, cujos procedimentos favorecem os objetivos propostos e visa favorecer o conhecimento aprofundado de uma realidade delimitada (Triviños, 1987), a prática pedagógica do Engenheiro Agrônomo como professor no ensino de Agronomia.

A partir daí realizou-se entrevistas com os principais sujeitos envolvidos no processo de formação no total de 75, sendo 15 professores (DoUC), 20 estudantes (EA/RME), 10 formandos (Con2007.2/Con2008.2) e 30 egressos (EngAMD/EgrIn) do Curso de Agronomia do Centro de Ciências Agrárias – CCA da Universidade Federal do Ceará – UFC, em Fortaleza, objeto da pesquisa, investigando várias questões pertinentes ao tema com vistas a obter as respostas para atingir o objetivo desse estudo.

Os dados foram processados no programa de análise qualitativa informacional NUD*IST.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos fragmentos de entrevistas definiu-se a categoria de análise desta pesquisa: a formação pedagógica, tendo como pano de fundo a profissionalidade do projeto formativo do curso de Agronomia da UFC em Fortaleza.

Os docentes representantes das Unidades Curriculares afirmaram que não existe um projeto de formação contínua para os docentes formadores de agrônomos.

A par disto verificou-se distorções nos projetos pedagógicos dos cursos de Ciências Agrárias da UFC.

Esse resultado negativo demonstra pouca preocupação da UFC com a formação pedagógica dos seus professores, talvez acreditando que uma boa formação em pesquisa seria suficiente para a carreira universitária. Também, inexistente troca de saberes pedagógicos e de natureza científico-culturais nas reuniões departamentais.

Em outras palavras, o empenho da dimensão pedagógica, a capacidade de interagir, o domínio do conteúdo pedagógico da matéria ou a capacidade de fazer o que hoje se conhece como transposição didática não contam quase nada nas promoções aos graus superiores da universidade.

Neste contexto, o Programa Rede de Valorização do Ensino Superior – RVES (UFC, 2005, p.15) anunciava “a preocupação com a melhoria da qualidade do ensino superior articulada a uma formação continuada dos docentes universitários, considerando que os métodos tradicionais têm se revelado insuficientes diante das demandas da condição de intelectual público – *reflexivo e crítico*, rompendo com argumentos de que a condição docente é algo trivial e essencialmente técnica”.

Ainda, sobre isto, Tullio (1989), a partir de uma pesquisa realizada na Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" - Campus de Piracicaba, da Universidade de São Paulo, para sua Dissertação de Mestrado, cujo objetivo foi estudar a adequação do ensino ministrado aos seus graduados de Engenharia Agrônômica, despertou para algumas necessidades prementes, com relação ao currículo, à integração entre departamentos e à melhoria da qualidade de ensino, destacando-se a "didática" do professor como um ponto extremamente importante em todo o processo.

Diante dessa constatação, principalmente quando os graduados insistiam em que a "didática" dos professores deveria ser melhorada, Tullio (1995, p.2), em nova pesquisa, retomou o assunto, buscando obter uma visão mais aprofundada da questão e verificou que “o futuro professor geralmente não cursou qualquer disciplina relacionada à sua formação para o magistério. Ele é colocado em sala de aula sem ter recebido noções de, pelo menos, como se processa a aprendizagem, ou onde entra o ensino, no processo”.

Em relação a isto, Barros & Silva (1993) afirmam que a capacitação científica não é necessariamente sinônimo de capacitação docente, haja vista que não basta o domínio da ciência e da metodologia de sua investigação. É mister a habilidade de relacionamento professoral, da capacidade de transmitir conhecimentos, de estimular a criatividade e de ensinar no aluno, o espírito de dúvida, da criatividade e da busca do novo. Esse conjunto de habilidades é que dá ao cientista a possibilidade de ser chamado de professor.

Sobre a formação dos docentes do Curso de Agronomia da UFC, os representantes do movimento estudantil falaram:

Docentes com mestrado e doutorado fora da realidade agrícola do Brasil e do nosso Estado; professores buscam atender o currículo, não se cria um vínculo entre eles; nas suas especialidades eles têm que ser o máximo naquilo, naquele assunto, mantendo o egoísmo, porque há muito tempo aquele conteúdo é o certo, o principal, o melhor; não percebem que o mundo está mudando e no geral não está aberto a mudanças; os professores possuem saber totalitário; os profissionais com essa visão dos docentes enxergam o fracasso (RME1), e [...] os professores não mudam, somos treinados para sermos robôs; somos escravos do conhecimento; os professores recebem conhecimentos impostos pelo agronegócio; os docentes há trinta anos são influenciados pela formação recebida nos Estados Unidos e Inglaterra, o agronegócio; esses conhecimentos são impostos aos alunos (RME3).

Ainda, segundo o Movimento Estudantil da Agronomia, é difícil puxar uma discussão sobre este problema porque causaria um enorme impacto; haveria divergências na Representação do Movimento Estudantil e seria muito arriscado para os alunos pela aversão dos professores, o que poderia prejudicar os estudantes. Se o CADR pesquisar entre os estudantes se apoiariam enfrentar o problema da docência com vista à mudança, de cada cem, talvez cinquenta teriam possibilidades.

Também, na questão da 'docência', os Representantes do Movimento Estudantil têm a mesma posição dos discentes das UC do Curso de Agronomia da UFC. Assim, a exposição aparece como a estratégia que melhor caracteriza a educação 'bancária', de que fala Paulo Freire, sem diálogo com os alunos. Material didático ultrapassado. Docentes com mestrado e doutorado feitos no exterior desconectados com a realidade regional.

Silveira Filho et al. (2011) investigando os representantes discentes nas Unidades Curriculares da Coordenação do Curso de Agronomia da UFC constataram uma visão capitalista, bancária, falta de diálogo, falta atualização dos professores sobre metodologia, não tem discussão, exceto algumas disciplinas, aspectos sociais e extensão rural, muito pouco, insuficiente, algumas cadeiras poderiam contemplar a agricultura familiar, mas tendem para o agronegócio, para o capitalismo. Falta de preparação, formação sem diálogo; a formação não está analisando o perfil do Agrônomo, acaba barrando a formação, a necessidade de cada profissional.

As manifestações desses sujeitos sobre o projeto formativo são coerentes com as outras questões da entrevista. Curso com muita teoria e pouca prática; fragmentação nas disciplinas e dos departamentos; formando com falta de vivência e de visão da realidade do campo e dos agricultores; falta de compromisso dos docentes.

Ainda sobre a docência, Ramos et al. (1999 p.128) pesquisando a formação pedagógica e prática do professor universitário observou que “a deficiente valorização dada às aulas, na promoção do professor na carreira docente, leva-o a se dedicar mais à sua formação técnico-científica. Tal fato vem favorecer a realização de pesquisas, em detrimento da formação pedagógica, sendo também indicado como uma das dificuldades classificadas como muito importantes e que interferem na ação docente”.

Em relação à prática pedagógica dos professores do Curso de Agronomia da UFC, os alunos matriculados em diferentes semestres falaram:

A docência é bancária, estão aqui para ganhar o seu salário e dar sua aula e exigir nas provas, por exemplo, não entendi, veja apostila, na página tal, dei na aula anterior; faz Agronomia por que? (EA3); Expositiva e impositiva, matéria e prova, aula igual à apostila, sem acréscimo; outro problema, está nas disciplinas básicas com docentes de outras áreas que não conhecem a Agronomia e fica distante da realidade do curso (EA4); Prevaleceu a pedagogia bancária e o comodismo, professores antigos cansados e acomodados, dando aulas pra eles, a mesmice dos materiais de antigamente, a nova

geração é diferente (EA7);

Há um distanciamento entre professor e aluno; muita hierarquia; precisa mais diálogo entre aluno e professor (EA8);

Os professores com imposição, se trancam na sala de aula, não passam conhecimentos importantes, os alunos não sabem de nada (EA10), e

Uns professores fazem a educação bancária, expositiva e impositiva com exigência de conteúdo para avaliação; outros professores geração mais nova, já falam que a técnica já está em desuso; O curso é voltado mais para as partes teóricas e ficam um pouco de lado as práticas do curso com professores que não incentivam essas práticas (EA15).

Sobre essa concepção bancária – a educação como prática de dominação –, Freire (1987, p.63 – 68) escreveu:

A concepção do saber, da concepção “bancária” é, no fundo, o que Sartre (*El Hombre y las Cosas*) chamaria de concepção “digestiva” ou “alimentícia” do saber. Este é como se fosse o “alimento” que o educador vai introduzindo nos educandos, numa espécie de tratamento de engorda [...];

Uma pedagogia do controle, da ausência do diálogo, da ausência da comunicação, do exercício da opressão; a educação bancária “assistencializa”, inibe a criatividade e cria a dependência, e

O educador tem um papel de muita responsabilidade, não deve “encher” o educando de “informações” técnicas ou não, mas deve dar condições de construir o conhecimento pela relação dialógica educador-educando e educando-educador.

A par destas manifestações, Silveira Filho (2012) observa nesses professores, a falta de formação docente, são pesquisadores e não educadores, lecionam mais teoria e pouca prática de campo, os mais antigos não querem mudar, os mais novos querem inovar e possuem mais conhecimento prático e mais visão da realidade.

Com efeito, segundo Silveira Filho (2006), o desgaste e a insatisfação causados pela crise de identidade porque passa a profissão de Agrônomo se reflete nos próprios docentes, que não se sentem estimulados e nem mesmo com boas perspectivas para o futuro da profissão.

Sobre isto, Souza, F de (2006, p.181 e 187), escreveu sobre o Curso de Agronomia da UFC:

Nos últimos 35 anos tenho testemunhado, com bastante tristeza, e denunciado com veemência, a queda inexorável na qualidade do ensino [...] Isso, aliado a uma espécie de acomodação de um corpo docente envelhecido [...] problemas pedagógicos e didáticos; corpo docente com alta titulação sem dar aulas na graduação; falta relacionamento ensino-pesquisa; infraestrutura de ensino e pesquisa obsoleta e acomodação dos corpos docente e discente, entre outros.

Nesse contexto, Freire (2006, p.26 – 27) diz que “O trabalho do Agrônomo-educador, que se dá no domínio do humano, envolve um problema filosófico que não pode ser desconhecido nem tão pouco minimizado”.

A formação pedagógica dos docentes, segundo o profissional egresso do Curso de Agronomia da UFC:

Infelizmente os professores com baixos salários não têm tempo para se dedicarem, estão naquela de há 30 anos, não se reciclam, com experiências de mestrado e doutorado que não se adaptaram à nossa realidade; a educação do homem do campo nos EUA e Europa é diferente do nosso agricultor (EgrIn1);

Em relação às experiências de mestrado e doutorado dos professores que não se adaptaram à nossa realidade – a educação do homem do campo nos EUA e Europa é diferente do nosso agricultor, Freire (2008, p.24) recomenda para “bolsistas nacionais que vão estudar em cursos de formação ou aperfeiçoamento em centros estrangeiros de outro nível econômico e tecnológico, um curso prévio e profundo sobre seu país, sobre sua realidade histórica, econômica, social, e cultural, sobre as condições concretas de seu atuar, etc.”.

CONCLUSÃO

Decorrente da análise dos dados e das respostas às questões da pesquisa desvelou-se as conclusões mais relevantes pertinentes à formação pedagógica que influenciam os saberes docentes na profissionalidade do Engenheiro Agrônomo egresso do curso de Agronomia da UFC em Fortaleza.

No processo ensino/aprendizagem, os docentes do Curso de Agronomia da UFC utilizam uma metodologia expositiva e impositiva, uma pedagogia de concepção bancária, não dialógica. Não há uma conexão da teoria com a prática, os professores se sentem somente Engenheiros Agrônomos e acham que formando um bom técnico está formando um bom profissional. A maioria desses professores não cursou qualquer disciplina relacionada à sua formação para o magistério. São colocados em sala de aula sem terem recebido noções de, pelo menos, como se processa a aprendizagem, ou onde entra o ensino, no processo.

O ensino de Agronomia praticado por Engenheiros Agrônomos têm sido mais no sentido de doutrinar os estudantes a serem fiéis seguidores do ingrato modelo econômico aplicado no campo, pois a própria universidade brasileira reproduz o sistema que interessa a esse modelo, afinal, ela é o reflexo da própria sociedade.

O Engenheiro Agrônomo continua a ser formado com base em uma abordagem pedagógica tradicionalista, em que os conhecimentos técnicos são repassados por especialistas, através de uma coletânea de disciplinas que são reorganizadas periodicamente nas estruturas curriculares.

Enfim, o ensino de Agronomia, no formato que é praticado atualmente no CCA da UFC, não vem ofertando a formação adequada para que o profissional egresso deste curso exercite o trabalho do Agrônomo como educador dialógico e seja um agente transformador da realidade rural com os agricultores.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq pela concessão de bolsa de pesquisa ao autor.

REFERÊNCIAS

- Barros, D.F; Silva, C.C. Entre a autonomia e a competência. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 1993. 123p.
- Freire, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 17 ed., 1987.
- Freire, Paulo. Extensão ou comunicação. São Paulo: Paz e Terra, 13 ed., 2006.
- Freire, Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e terra, 31 ed., 2008.
- Ramos, V. B. N; Campelo, P. L. G; Anjos Silva, E. M. V. dos; Farias, C. V. Formação pedagógica e prática do professor universitário: desafios. Educação Agrícola Superior. Brasília: ABEAS, v.17 (01): 122-129, jan. /jun. 1999.
- Sacristán, J. Gimeno. O currículo: uma reflexão sobre a 'prática'. Tradução de Ernani F. da Rosa. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- Silveira Filho, J. A sociologia rural e a formação em ciência agrônoma. In: VII CONGRESSO DE LA ASSOCIACIÓN LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL (ALASRU), 2006, Quito. Anales del VII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología Rural. Quito: Asociación Latinoamericana de Sociología Rural, 2006. V. Único, p. 388-397.
- Silveira Filho, J. O projeto formativo do Engenheiro Agrônomo no curso de Agronomia da UFC em Fortaleza. 2010. 183p. (Tese de Doutorado). UFC, Fortaleza-CE, 2010.
- Silveira Filho, J; Sales, F. J. M. de; Haguette, A. A sustentabilidade da agricultura e o projeto formativo do curso de Agronomia da Universidade Federal do Ceará. Revista Extensão Rural, DEAER/PPGExR-CCR-UFSM, Ano XVII, n.º 21, Jan-Jun de 2011.
- Silveira Filho, J. Saberes docentes no projeto formativo do Engenheiro Agrônomo no curso de Agronomia da UFC em Fortaleza. INTER-AÇÃO, Revista da Faculdade de Educação, UFG, Goiânia: FE/PPGE/UFG, v. 37, n.2, jul./dez./2012.
- Souza, Francisco de. As Ciências Agrárias no Nordeste: Ensino e Pesquisa Idéias e Contribuições ao Debate. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2006.
- Triviños, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
- Tullio, A. A. A educação agrícola superior e o mercado de trabalho. 1989. 70p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba-SP, 1989.
- Tullio, A. A. A prática pedagógica do professor de Engenharia Agrônoma. Scientia Agrícola. Piracicaba: ESALQ, vol.52, n.º.3,Set./Dez. 1995.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Pró-Reitoria de Graduação. Coordenadoria de Pesquisa e Acompanhamento Docente. Programa Rede de Valorização do Ensino Superior. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2005.